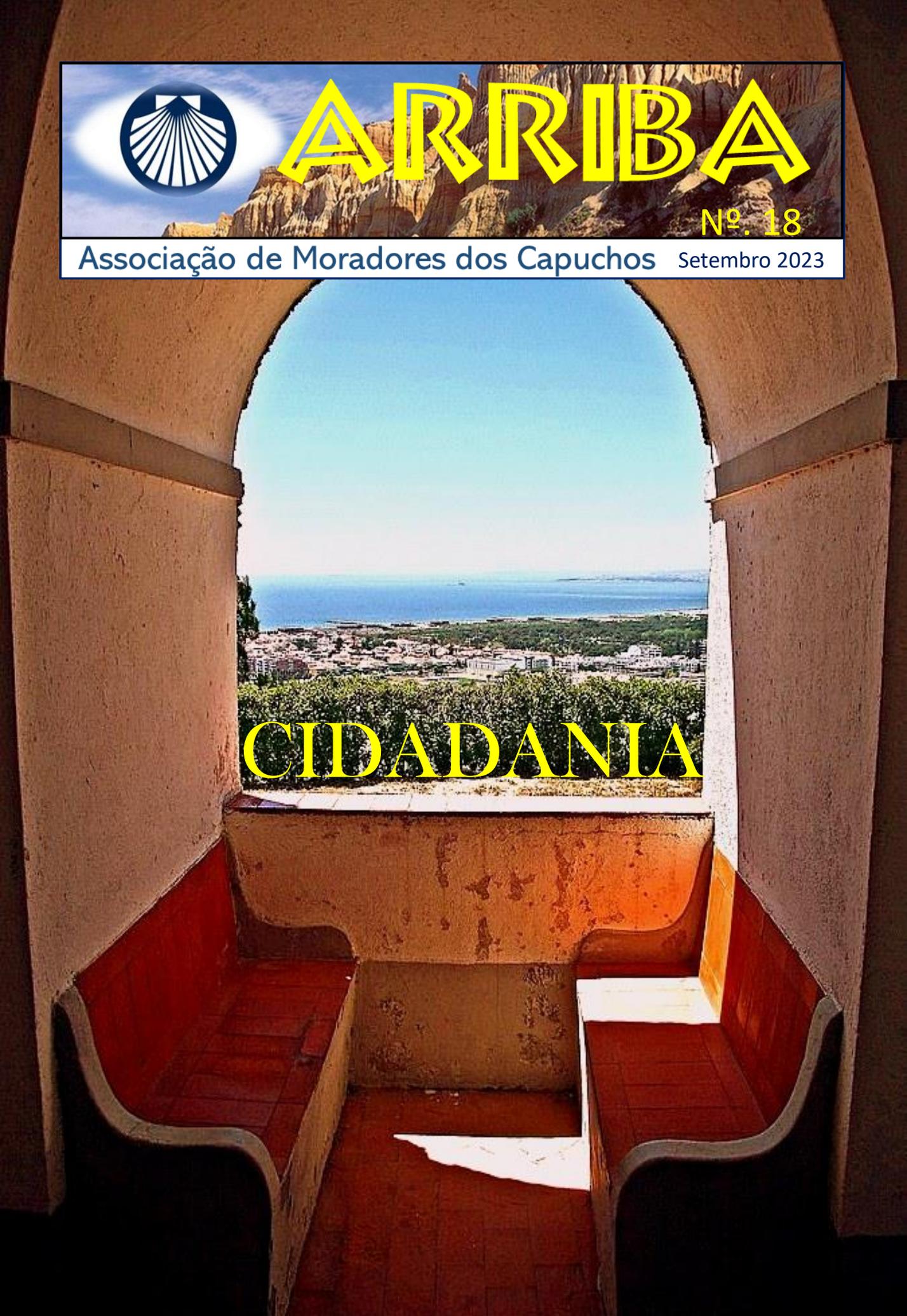




ARRIBA

N.º 18

Associação de Moradores dos Capuchos Setembro 2023



CIDADANIA

Capa: Fotografia de Vítor Oliveira, da série “Portuguese Eyes”.

Sumário

Diário de Bordo Informação aos sócios	Pag.	2/3
Em prol do bem estar nos Capuchos Por José Carlos Rodrigues Nunes (Presidente da Direção)	Pag.	4/5
Solidão	Pag.	6
Fotografias com o telemóvel	Pag.	7
Os Capuchos nas minhas memórias (6ª. Parte) De Eduardo Gomes	Pag.	8/10
O Cidadão-Modelo Um conto de Paulo Figueiredo	Pag.	11/13
Capuchos – Uma aguarela e um poema Por Carlos Canhão	Pag.	14
A Cidade dos 15 minutos II Por João Paulo Curto	Pag.	15/17
Solidão Cartoon de Ferrer Asturiano	Pag.	18

O “ARRIBA” é propriedade e edição da **Associação de Moradores dos Capuchos**
Publicação trimestral gratuita. Distribuição por e-mail

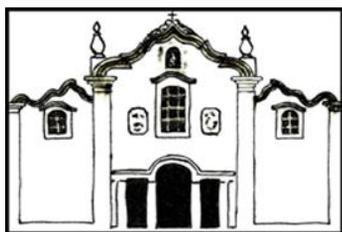
Contactos: <https://moradorescapuchos.wixsite.com/capuchos>

Facebook: <https://www.Facebook.com/AMC-Associação-de-Moradores-dos-Capuchos-426610328116880/>

E-mail: associacaomoradorescapuchos@gmail.com



[Visite o nosso site!](#)



Associação de Moradores dos Capuchos

Diário de Bordo

Informação aos sócios

Sessão Ordinária da Assembleia Municipal de Almada - 29 de Junho de 2023



[Intervenção do Sr. Presidente da AMC](#)



[Resposta da Sra. Presidente da CMA](#)

Clique nos links para ver as intervenções

O que disse o Presidente da AMC?

“Os objetivos da Assembleia Municipal e da AMC são, basicamente, os mesmos: a salvaguarda dos interesses municipais e do bem-estar da população.

Infelizmente, nos Capuchos, há um conjunto de situações que, há muito tempo, fazem perigar o bem-estar da sua população. Algumas destas situações são:

- Repavimentação das ruas Lourenço Pires de Távora, dos Capuchos e da Estrelinha;
- A questão das raízes dos pinheiros e as recentes quedas de ramos e de árvores inteiras;
- Requalificação do espaço anteriormente ocupado pela antiga escola primária dos Capuchos;
- Conclusão dos trabalhos relacionados com a repavimentação já efetuada na E.N.-10.1;
- Requalificação do espaço do Miradouro Panorâmico dos Capuchos;
- Limpeza, com maior assiduidade das ruas e das bermas;
- Localização dos Ecopontos.”

O que respondeu a Sra. Presidente da Câmara?

“Já está na plataforma para lançamento todo o projeto para reabilitação daquela zona dos Capuchos, o projeto já está na safety, na plataforma, para a escolha do projetista – é um projeto especial porque tem, de facto, condicionantes técnicas muito diferentes, por causa da situação dos pinheiros, portanto não é uma repavimentação normal, é uma repavimentação que vai ter que ser subida, ter que se fazer estudos relativamente à própria saúde e solidez dos pinheiros, acho que todos nós concordamos, ou concordamos em não concordar com o abate daqueles pinheiros e que inclui, inclusivamente, o projeto de reabilitação até ao miradouro. (...) A questão dos Ecopontos é ao nível da Amarsul e, portanto, iremos transmitir e verificar e transmitir e que tem razão, há várias hipóteses para a utilização da escola, é uma decisão que tem de ser tomada... “



6 de Julho – Queda de ramo de pinheiro na Rua Lourenço Pires de Távora.

Informações recebidas da CMAmada:

Do Vereador com o pelouro dos Espaços Verdes:

"Os Serviços Municipais deslocaram-se ao local e, após análise técnica fitossanitária e de risco de rutura, verificou-se que a queda da perna não afetou a sua resistência biomecânica;

Está prevista que na próxima época de podas, a iniciar em outubro de 2023, uma intervenção nos Pinheiros na Rua Lourenço Pires de Távora, que consistirá na eliminação das ramagens secas ou com inflexão, pernas sobrepostas na rede de transporte de eletricidade e remoção de eventuais pernas em risco;

Continuará a ser acompanhado o desenvolvimento destes exemplares, promovendo-se uma monitorização regular das condições existentes no local e, a proceder às adequadas operações de conservação."

Do Vereador com o pelouro de Sistemas de Informação, Habitação, Desporto e Juventude, sobre a matilha de cães asilvestrados, processo SVM 20.192 de 26 de Maio de 2020:

"O município está a envidar todos os esforços para sanar este problema. Com efeito, constatou-se que a matilha dos

Capuchos é a mesma que deambula até à FCT, pelo que, tendo a universidade mostrado disponibilidade para ajudar na resolução desta questão, temos vindo a reunir no sentido de desenvolver uma abordagem conjunta que se adegue à solução pretendida".

Do Provedor Municipal dos Animais sobre a matilha de cães asilvestrados, processo SVM 20.192 de 26 de Maio de 2020:

"A Matilha dos Capuchos é uma das nossas prioridades e está ser construído um parque de matilhas que vai ser usado para essa matilha em concreto! Assim que estiver terminado, e isso não depende de mim, serão iniciadas as capturas. "



8 de Agosto - Os serviços da CMA "repararam" o pavimento da R. Alto dos Capuchos.

Ainda não nos arrependemos da nossa "ingenuidade" ao publicar no n.º 1 do "Arriba", em Junho de 2019, a propósito da Reunião Pública da Câmara de 20/5/2019: *"Registámos, com agrado, as declarações da Sr.ª Presidente da Câmara e dos Sr.s Vereadores quando afirmam querer evitar os "remendos" e intervir de uma forma integrada e global nesta zona."*

Em prol do bem estar nos Capuchos

Por **José Carlos Rodrigues Nunes** (Presidente da Direção da AMC)

CAPUCHOS é um lugar privilegiado do ponto de vista ambiental e paisagístico. E tem condições naturais para se tornar numa zona habitacional de boa qualidade.

Ora vejamos:

Pela sua localização, no alto da Arriba Fóssil, insere-se no grande pulmão do concelho de Almada, juntando a atmosfera marítima aos bons ares da Mata dos Medos. Do ponto de vista paisagístico, quase apetece dizer que será muito difícil encontrar melhor – oceano e muitas e lindas praias, rio, terra a perder de vista... tão largos são os horizontes vislumbráveis desde os Capuchos. E, certamente para que tão belas paisagens pudessem ser devidamente apreciadas, foram construídos, não apenas um, mas dois miradouros muito próximos - o Miradouro dos Capuchos e o Miradouro do Convento dos Capuchos.

O Convento dos Capuchos, peça arquitetónica de linhas simples, elegante e funcional, conforme apanágio dos frades franciscanos, mandado construir por Lourenço Pires de Távora em 1558, depois de recuperado pela Câmara Municipal de Almada em 2000, assumiu-se como um espaço dedicado à cultura, privilegiando a música erudita,

através dos festivais de música e as artes plásticas, através de exposições. Cercado por um jardim bem cuidado com vista para mar e serras, o Convento transmite a esta localidade, além do nome – Capuchos – o ambiente de tranquilidade muito apreciado, principalmente, por quem despende grande parte do seu tempo no bulício dos grandes centros e nos transportes, cada vez mais morosos, para aqui chegar.

Porém, as excepcionais características dos Capuchos acabadas de mencionar, sendo muito relevantes, não são totalmente suficientes para garantirem as desejadas condições de habitabilidade e o consequente nível de satisfação dos moradores.

Então, o que falta?

Têm faltado as necessárias decisões e correspondentes intervenções por parte das entidades oficiais, visando a adequada manutenção/renovação do espaço público dos Capuchos, designadamente, algumas das suas infraestruturas. Em consequência, a situação vai-se degradando, ano após ano, e o nível de insatisfação dos moradores vai crescendo. E a opinião dos visitantes, e são muitos, vai sendo cada vez mais crítica.

Foi esta constatação e a necessidade

de melhor organizar, formalizar e reforçar iniciativas junto das entidades responsáveis pela gestão do território almadense, no qual os Capuchos se incluem, que levou à **constituição da AMC - Associação de Moradores dos Capuchos, em 2015.**

Mas, como é natural, esta iniciativa também considerou outros objetivos de natureza associativa.

A Associação tem-se fortalecido, não apenas devido ao crescente número de associados, mas também, e muito importante, em consequência do maior envolvimento na sua atividade predominantemente focada na defesa dos interesses relacionados com a gestão do espaço onde habitam. E esta atividade tem-se desenvolvido, sobretudo, junto das correspondentes entidades oficiais, nomeadamente a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia, através do envio de cartas, da participação em reuniões com dirigentes e nas sessões públicas da Assembleia Municipal e da Assembleia de Freguesia.

Nesta atividade, a Associação não se tem limitado a apresentar as situações carecidas de atenção e melhoramento. Também tem proposto as soluções que considera serem as mais adequadas e que tenham sido discutidas e aprovadas por unanimidade em Assembleias Gerais da AMC.

As situações que mais preocupam os moradores são as que se encontram mencionadas no início deste jornal/diário de bordo, e referidas à intervenção que fiz na sessão pública da Assembleia Municipal que se realizou no passado dia 29 de Junho e que mereceram as referidas respostas da Senhora Presidente da Câmara, assumindo especial realce as suas referências às futuras intervenções na rede viária dos Capuchos, no âmbito do projeto de requalificação do miradouro panorâmico dos Capuchos.

Realce-se, porém, que posteriormente a Associação já dinamizou outras reuniões com dirigentes da Câmara e procedeu ao envio de mais cartas. E assim continuaremos a fazer, no cumprimento dos nossos objetivos relacionados com o espaço público dos Capuchos e com o bem estar dos seus moradores.

Sabemos que o concelho de Almada é vasto e supomos que tem situações complexas que a CMA é chamada a acudir sem delongas, mas gostaríamos de acreditar que num futuro próximo irão ocorrer melhorias significativas nas infraestruturas dos Capuchos, começando especialmente pela rede viária. PENSAR POSITIVO...

A SOLIDÃO

Um Estudo da União Europeia

Por [Human Resources](#) 13 Jun, 2023

A União Europeia promoveu o primeiro inquérito sobre solidão que abrangeu mais de 25 mil pessoas. O objetivo é monitorizar e combater a crescente falta de “interações sociais significativas”, avança a Euronews.

Segundo um novo relatório sobre a solidão, da Comissão Europeia, pelo menos um em cada 10 residentes na União Europeia sente-se só a maior parte do tempo. O projeto pretende obter uma visão geral da “epidemia de solidão” causada pelos confinamentos prolongados e pelo isolamento durante a pandemia.

De acordo com os resultados, a solidão é mais frequente na Irlanda, onde cerca de 20% dos inquiridos afirmam sentir-se sós, seguida da Bulgária, Grécia e Chipre, com 16 a 17% de respostas positivas ao sentimento de solidão.

Os níveis mais baixos foram observados nos Países Baixos, República Checa, Croácia e Áustria, com menos de 10% da amostra inquirida. Portugal surge no segundo grupo de países com 12 a 13% dos inquiridos a referirem sentir solidão a maior parte do tempo.

As pessoas que se sentem sozinhas durante todo ou quase todo o tempo têm cerca de 20 pontos percentuais

mais probabilidades de sofrer de sintomas depressivos. «A solidão não é apenas uma questão privada e individual. Pode impedir a coesão social e deve ser encarada como um problema social e tratada como tal», pode ler-se no documento.

Os fatores culturais desempenham um papel importante na solidão, para além dos acontecimentos da vida de cada um. «As situações económicas favoráveis, bem como a quantidade e a qualidade das interações sociais, são fundamentais para prevenir a solidão”, refere o relatório.

A solidão entre os jovens inquiridos é mais elevada do que entre os mais velhos, uma vez que os grandes acontecimentos da vida têm tendência a perturbar as redes sociais e a tornar qualquer pessoa suscetível de se sentir só, lê-se.

O estudo reconheceu, no entanto, que as consequências da solidão variam consoante a idade e que a solidão entre os adultos mais velhos não pode, de modo algum, ser ignorada. Um dos principais desafios na resolução do problema da solidão resulta do estigma social e do desconhecimento, acrescentando que 57% dos inquiridos não tinham conhecimento da existência de métodos e políticas de intervenção.

Fotografias com o telemóvel

Hoje em dia praticamente toda a gente tem um telemóvel. E quase todos os telemóveis dispõem de uma câmara fotográfica, em alguns casos com capacidades e resolução muito superiores às antigas máquinas fotográficas.

Sucede porém que, ou por desinteresse ou por falta de conhecimentos sobre a adequada utilização deste equipamento, muitas vezes se desperdiça esta potencialidade em “selfies” e fotografias banais só “para mais tarde recordar”. O que, convenhamos, já não é pouco...

Mas, pensámos nós, porque não tentar levar um pouco mais longe o conhecimento e a prática desta arte? Porque duma arte se trata!

Assim, propomo-nos, com esta nova rubrica do nosso jornal, suscitar o interesse pela fotografia divulgando uma série de regras e “truques” que possibilitarão a obtenção de fotografias com mais qualidade.

Vamos começar pela regra mais básica sobre o enquadramento das nossas fotografias: a regra dos terços.

A REGRA DOS TERÇOS

<https://youtu.be/awG7XeNvtKo>

Após a visualização deste pequeno vídeo, temos um “desafio” a lançar a todos, sócios ou não:

Que, nos próximos 3 meses, até à edição do próximo número do nosso jornal, se exercitem tirando fotografias, preferentemente sobre os Capuchos, usando a já conhecida regra dos terços.

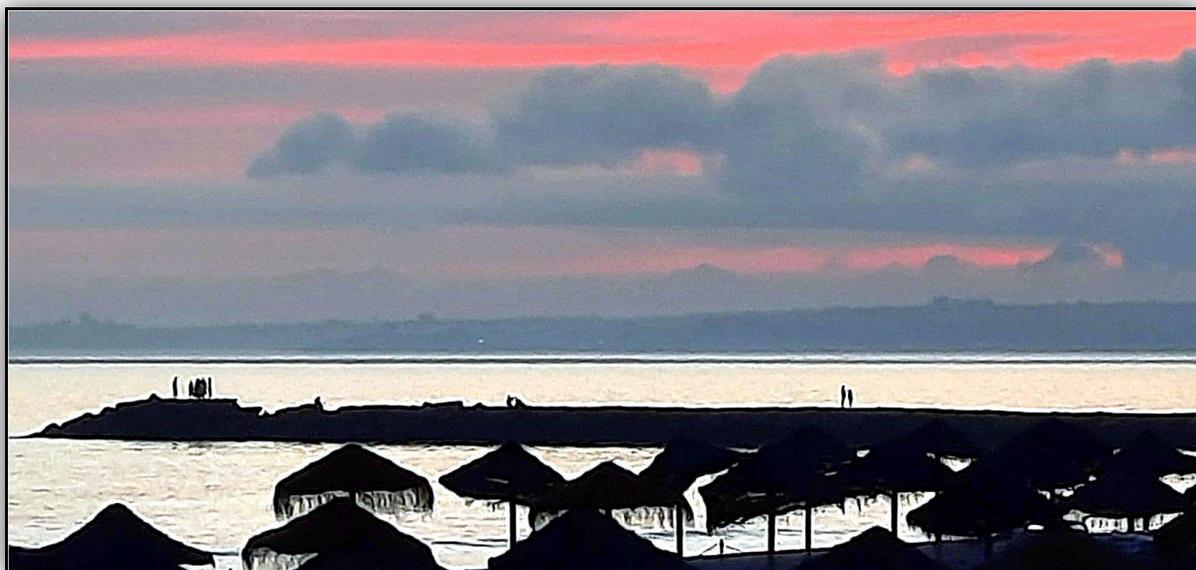
Enviem-nos as vossas fotos para o e-mail da AMC - associacaomoradorescapuchos@gmail.com indicando no assunto “Fotografias com o telemóvel”.

Identifiquem as vossas fotos com um título, com o vosso nome e a data e hora em que cada uma das fotos foi obtida, conforme o exemplo abaixo.

Esperamos uma “avalanche” de boas fotos no e-mail da Associação. Todas serão publicadas. Se não couberem num só jornal serão publicadas nos números seguintes.

No próximo número, mais “dicas”.

A Costa ao pôr do sol



Fotografias com o telemóvel

João Torres, 7 de julho, 21:14

Os Capuchos nas minhas memórias (6ª. Parte)

Por **Eduardo Gomes**

Hoje vou abordar a escola e o ensino, a partir de algumas memórias, que em mim permanecem e podem servir, conjuntamente com outras, para registo histórico.

Vou assinalar um tempo de enormes limitações e carências básicas das pessoas de muita pobreza. Ir à escola era só para alguns. Viam-se muitas crianças e adultos descalços, roupa rota ou muito remendada.

Se alguns iam à escola, cedo saíam, porque eram "úteis" aos seus pais, na sobrevivência da família, em trabalhos agrícolas ou na construção civil.

O sacrifício das crianças não era rejeitado, quando ainda deviam andar na escola e a brincar, como foi o meu caso, em que comecei a trabalhar nas "obras" com doze anos, a carregar baldes de cimento aos ombros.

Como disse o escritor Soeiro Pereira Gomes:

"homens que nunca foram crianças".

Na geração dos meus pais poucos iam à escola (décadas de 20/30 do século XX). Claro, houve exceções, normalmente eram crianças provenientes de famílias com mais rendimentos.

Tenho um exemplo na família da minha avó Leonor Henriques: o seu primo, Joaquim de Almeida Henriques, mais conhecido por "Joaquim da caseira", filho de António Henriques, que foi caseiro na Quinta da Estrelinha, até 1947. Porque o pai tinha mais possibilidades, formou-se em Letras. Teve ainda o "previlégio" de ter em casa a sua tia Mariana de Almeida (Mestra de ensino primário), assinalada na foto.



Mariana de Almeida, ao lado direito de António Henriques (meu tio bisavô e seu cunhado). No lado contrário sua irmã, Luzia de Almeida Henriques. Todos naturais de Vila Nova de Caparica.

Nas gerações seguintes (décadas de 40/50 do século XX) já houve mais frequência. Pode ver-se na foto seguinte, tirada à porta da escola da Quinta dos Pilotos (Vila Nova de Caparica), nomeadamente pessoas que ainda estão vivas.

Uma dificuldade para os alunos de Vila Nova de Caparica e Capuchos, era ter de optar ir para a Sobreda, Costa de Caparica, Monte de Caparica ou Trafaria para fazer a quarta classe, pois em Vila Nova era só até à terceira. Por isso, as crianças em idade escolar de Vila Nova, Capuchos, Quinta do Robalo e outras quintas mais afastadas, nomeadamente Quinta da Aldeia e Quinta de Baixo, teriam de decidir se iniciavam nas escolas que lecionavam desde a primeira classe até à quarta ou



Professora Isabel (que ainda foi a minha professora), por cima da sua cabeça vê-se o meu tio Eduardo Henriques.

Na fila de cima, a começar pela esquerda está: Artur Figueiredo; em quarto Vítor Monteiro; em sétimo António "Marçal"; em último Vítor "Setenta". Na fila sentados, primeiro da esquerda, António Alberto (irmão do Fernando Santos - morador nos Capuchos); em terceiro identifico (não lembro o nome) é da família Roque; A quarta, sétima e oitava, são três irmãs, filhas do sr. Anselmo; a quinta era da família Saraiva.

O meu tio Eduardo Henriques teria agora 85 anos. Idade que quase todos na foto teriam, alguns ainda vivos.

Esta foto terá sido tirada na segunda metade da década de 40 do século XX (há cerca de 78 anos).

ficavam na escola da Vila Nova de Caparica até à terceira e transitavam depois para outra, como foi o meu caso - fui para o Monte de Caparica, conforme referi no Arriba nº 16.

Lembro-me que, entre outros, o José Gabriel, filho do Ti José Garcia (Quinta da Aldeia) optou por ir para Escola da Costa de Caparica desde a primeira classe.

Gerações anteriores à minha tiveram acesso a uns espaços que nem eram escolas oficiais nem ATL (tempos livres), embora houvesse, no princípio do século XX, "Mestres" inseridos no ensino oficial, como era o

caso de Mariana de Almeida, a que faço referência atrás. Lembro-me de ter andado num desses espaços, entre os meus 6 e 8 anos de idade, cuja responsável tinha o nome de Saragoça, sogra do meu tio José Manuel, irmão do meu pai Ângelo Gomes. Funcionava na casa desta senhora, no Alto da Mulinha, perto da Quinta dos Pilotos.

A minha avó comprou um banquinho de madeira e lá fui eu para aprender.

Há poucos dias, em conversa com a minha mãe, disse que também lá andou, apesar de nunca ter ido à escola oficial; lembra-se que a Saragoça fazia letras e números a lápis e indicava que as crianças escrevessem por cima. Que tinha um pequeno ponteiro e perguntava - que letra é esta? - Se não respondessem certo batia com o ponteiro na mão do aluno. A intensidade com que batia, vamos acreditar que era leve...

Houve também um espaço semelhante nos Capuchos que, há mais de 65 anos, ouvia chamar de "As Capitulinas", ficava junto à Estrada Nacional, quase em frente ao Café Capuchinhos, como prolongamento da Quinta da Bela Vista. Hoje estaria no início da rua de acesso ao "pingo doce", no lado da Estrada Nacional. Este caminho dava acesso a um portão de entrada na Quinta da Bela Vista, à Quinta do Americano, à Quinta da Leónia (era assim conhecida) e, seguindo em frente, acesso às Quintas da Aldeia e de Baixo. Na foto que a seguir se publica pode ver-se a casa, onde havia um poço.

Este espaço das "Capitulinas" seria de apoio à escola oficial e/ou para aprender as primeiras letras e números, semelhante à referida Saragoça.

A mãe das duas senhoras que aparecem na foto chamava-se Capitulina, daí o espaço ser conhecido por "Capitulinas". Elas chamavam-se Isabel e Ilda, responsáveis pela atividade, segundo informação da minha mãe, a de escuro será a Isabel a outra a Ilda. Há uma moradora que vive nos Capuchos, de nome Capitolina, perto deste local, filha da referida Ilda, que poderá ilustrar mais e melhor esta história.



Pode ver-se nesta foto das "Capitulinas" algumas crianças que estão na foto da escola da Vila Nova de Caparica, caso do meu tio Eduardo Henriques, o quarto na fila do meio, a contar da esquerda. Na mesma fila, antes do meu tio, vê-se o Artur Figueiredo e ao lado deste o Alberto Rodrigues - este não andava na escola da Vila Nova, assim como o que está ao lado esquerdo do meu tio Eduardo, que me parece ser o Orlando Domingues (Quinta da Bela Vista).

Nos sentados no chão reconheço, da esquerda para a direita; primeiro o Raul, filho do Tio José Garcia (Quinta da Aldeia). Os outros são-me familiares, mas não tenho a certeza.

A foto terá sido tirada no início dos anos 50 do século XX.

A curiosidade levou-me a observar a foto à lupa e ver que na porta, já dentro de casa, está uma pessoa. Será a mãe Capitulina?

Após estas referências históricas, digo que ainda hoje é muito difícil aceder ao ensino, nomeadamente ao ensino superior, pelas mesmas razões de outrora, agora mais acentuadas - insuficiente rendimento da maioria das famílias.

Com o 25 de Abril de 1974, o ensino melhorou radicalmente. Há 49 anos havia uma percentagem de analfabetos elevadíssima, fruto de opção política geradora de pobreza, para uma escola pública sem condições, virada para o insucesso e estagnação da maioria do povo português.

Os avanços alcançados com o 25 de Abril de 1974 são inegáveis. Um exemplo perto de nós, posso comprovar, por isso testemunho: A escola antiga de Vila Nova de Caparica (Quinta dos Pilotos) que frequentei nos anos cinquenta, era uma sala pequena e fria, a professora utilizava assiduamente os "castigos" corporais, quase metade do tempo utilizado a rezar, sem casa de banho - se alguém precisasse tinha de ir à mata em frente. Ora, quem conhece a atual Escola básica da Vila Nova de Caparica, construída pela Câmara Municipal de Almada, talvez uma das melhores escolas básicas do país, verificará que os tempos realmente mudaram (a não ser para alguns que dizem que "antigamente é que era bom").

Mas as mudanças podem tornar-se efémeras se não houver investimentos em novas escolas, renovação das atuais e em meios humanos, nomeadamente professores e outros profissionais.

O Cidadão-Modelo

Um conto de **Paulo Figueiredo**

Ilustrações de **Ferrer Asturiano**



O Senhor Importante saiu do seu dispendioso apartamento no centro da cidade, dirigindo-se para a viatura que o aguardava. Com ar superior, percorreu com o olhar todo o comprimento do recém-atribuído BMW Série 5, entrou no carro e sentou-se no banco traseiro, como compete às pessoas importantes.

- Bom dia, Sr. Doutor.

- Bom dia – respondeu o Senhor Importante a meia voz, como quem faz um frete.

No preciso momento em que o motorista ligou a ignição, o telemóvel do Senhor Importante tocou. A chamada foi curta, mas bastou para o fazer sair do carro, batendo com a porta. Regressou à viatura alguns segundos depois, com um saco plástico na mão e muito resmungo.

- As mulheres só são boas para uma coisa, não acha?

- É a vida, Sr. Doutor – retorquiou o motorista, como quem faz um frete.

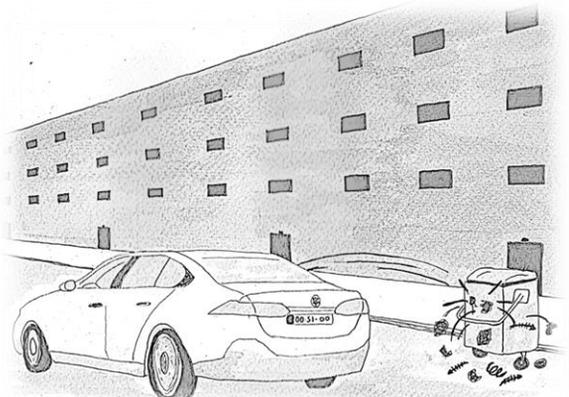
Um tanto agastado pela falta de apoio, o Senhor Importante recostou-se no assento, continuando a resmungar entre dentes.

O motorista iniciou a marcha.

O trajecto daquele dia obrigava a passar junto a um bairro social. Ao aproximarem-se do bairro, o Senhor Importante ordenou:

- Aí ao pé desse contentor, abrande o carro.

A viatura reduziu a velocidade no local indicado. O Senhor Importante abriu o vidro eléctrico do BMW Série 5, pegou no saco plástico e atirou-o pela janela. O saco estatelou-se no chão, abrindo-se, espalhando plástico, cartão e restos de comida.



O motorista olhou de esguelha e prosseguiu a viagem.

- Hoje estou com falta de pontaria. E você? Também não lhe falta a pontaria às vezes, hem?

- Tem dias, mas até agora ninguém se queixou – respondeu o motorista.

O Senhor Importante voltou a recostar-se no assento. Enquanto olhava pela janela, pensou que talvez tivesse de substituir o motorista por outro mais colaborativo.

Mais à frente, o motorista travou o carro para deixar um idoso atravessar uma passadeira.

- ‘Tá a parar porquê?!

- Sr. Doutor, isto é uma passadeira e está um peão a atravessá-la. - e respirou fundo.

- Pois... ainda por cima ele é preto e confunde-se com os intervalos da passadeira, ah, ah! - retorquiu o Sr. Doutor.

O carro retomou a marcha. O Senhor Importante abriu a janela e vociferou:

- Se não consegue andar, saia da estrada, não empate a vida aos outros!

Cerca de um quilómetro depois, a viatura entrou numa avenida ladeada por várias paragens de autocarro. Ao passar junto a uma

delas, o Senhor Importante baixou o vidro e gritou a quem lá estava à espera do transporte:

- Então, hoje há greve outra vez? Se calhar é melhor andar a pé! - e fechou a janela, rindo-se.

- Esta gatinha que usa transporte público, coitados...

O motorista olhou pelo retrovisor.

- Sr. Doutor, estamos quase a chegar ao destino.

- Ótimo, esta viagem está a ser muito deprimente.

Chegado ao destino, o Senhor Importante dirigiu-se logo que pôde ao WC. Assim que lá chegou, barricou-se como se fugisse de alguém.

“Cidades verdes? Cidades do Sporting? Eu sou do Benfica, por acaso até estou a dever quotas há uma data de tempo... ah, pois é, verdes, é aquela coisa da ecologia, pois é...”.

Lembrou-se que tinha um discurso preparado pela secretária, por sinal moça muito jeitosa. Afinal estava tudo controlado.

Saiu da retrete, cheio de pose. Dentro de alguns minutos iria discursar.

O Senhor Importante aproximou-se do microfone e iniciou o discurso:



“Caros cidadãos e cidadãs: Nesta época em que se nos colocam enormes desafios decorrentes das alterações climáticas e das novas tecnologias, e considerando também que a maior parte da população vive nas cidades, impõe-se abordar a problemática da urbe.

Com o aumento da população das grandes cidades, a poluição torna-se uma questão incontornável, a necessidade de uma política ecológica, verde, é uma exigência dos munícipes.

Mas tal não é possível sem ter uma economia circular nas nossas cidades, há que construir a tal “cidade dos 15 minutos”! O recurso às tecnologias da informação é indispensável para atingir esse objectivo, portanto, há que preparar a transição digital.

Todavia isto são factores materiais, o factor humano é, de longe, o mais relevante. É impossível ter cidades amigas das pessoas, se não respeitarmos todas as formas de mobilidade e não apenas o carro!

Peões, bicicletas, transportes públicos são prioritários. E já agora, cidades limpas e seguras, onde possamos usufruir da rua, que é de todos.

Para concluir, todas estas ideias se resumem a uma palavra: cidadania.

Tenho dito.”

No final do dia, o Senhor Importante regressou ao seu gabinete. Ligou o computador e entrou numa das redes sociais em que tinha conta. Sempre que o fazia esquecia-se das horas, que delícia insultar desconhecidos a coberto de um pseudónimo! Aquele dia estava a ser especialmente produtivo em matéria de palavrões, ofensas à família dos outros, opiniões não fundamentadas, boatos, factos deturpados, etc... até aparecer aquele vídeo...

Alguém, seguramente um qualquer morador daquele horrível bairro social, teve o desplante de filmar um “cidadão” atirando um saco de lixo pela janela de um BMW Série 5.

CAPUCHOS

Uma aguarela e um poema
de **Carlos Canhão**



Amor no Jardim

Um casal de namorados
Passou levemente
O ar alterou-se
O aroma a amor rodopiou
À sua volta
Fragrância fez essa
Seiva recém cortada
Ou talvez terra molhada
O som de beijos
São satisfeitos desejos

Entraram no convento
E para trás ficou
O verde da esperança
O sossego dos caminhos
E as árvores
Essas
Com seus ramos
Implorando aos céus
Que o amor
Entre os homens
Não sejam só promessas

A Cidade dos 15 minutos II

Por **João Paulo Curto**

A Cidade dos 15 minutos.

A par de Paris, onde o conceito da “cidade de 15 minutos” (ver artigo anterior) teve um enorme investimento, com resultados visíveis na organização interna e funcional desta cidade e na vivência dos seus habitantes, existem outros exemplos onde este conceito está a ser explorado e adotado em diferentes graus, em várias cidades em todo o

permitem aos seus moradores a realização da maioria das suas atividades diárias dentro de um raio de 15 minutos de bicicleta. É referenciada como um dos melhores exemplos da “cidade de 15 minutos”.

Barcelona está a investir em melhorias na infraestrutura ciclovitária, na criação de praças e espaços públicos acessíveis, e

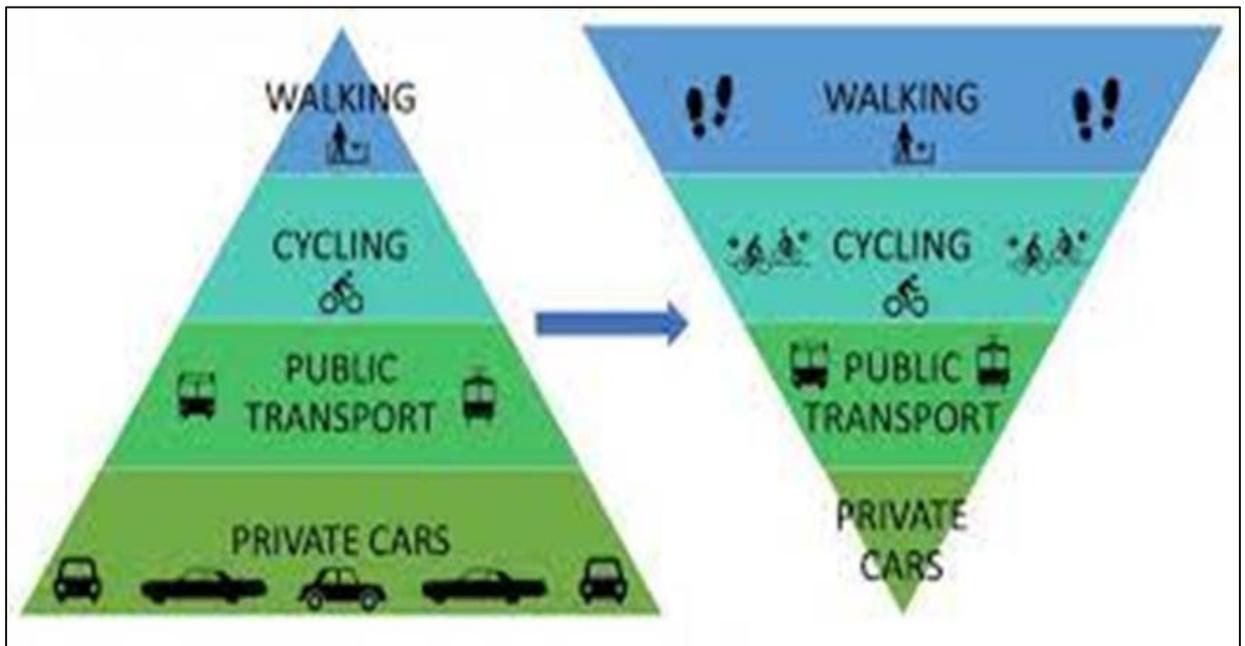


Figura 1 - Passagem do modelo tradicional de cidade para a cidade dos 15 minutos

mundo, com base nas necessidades e contextos locais.

É o caso de Copenhaga e de Barcelona na Europa, de Portland nos Estados Unidos, Melbourne na Austrália, Otava no Canadá, Xangai na China ou Singapura, entre outros exemplos.

Copenhaga tem uma rede extensa de ciclovias e investe em infraestruturas que

na distribuição equitativa de serviços e comércio nos bairros de acordo com este conceito.

Em Melbourne o conceito designa-se de “bairros de 20 minutos” alicerçado em alterações às regras de licenciamento de construção, de modo a promover a coexistência de habitação, comércio e equipamentos coletivos, por oposição a bairros 100% residenciais ou comerciais,

possibilitando que os moradores possam encontrar tudo o que precisam dentro de uma curta distância de deslocação. Isso inclui acesso a transporte público eficiente, espaços verdes, empregos, educação e serviços de saúde.

O caso de Lisboa.

Embora Lisboa não esteja oficialmente reconhecida como uma “cidade de 15 minutos” como as cidades citadas, está cada vez mais alinhada com este conceito, procurando criar áreas mais autossuficientes, proporcionando aos moradores acesso fácil e rápido a serviços e comodidades básicas dentro de um raio de 15 minutos. Algumas das medidas passam pela melhoria das ciclovias e expansão da rede do transporte público, na revitalização de bairros com a criação de parques e espaços públicos e o incentivo à instalação de comércio e serviços locais, ou até aumentar a densidade populacional em determinadas áreas, de modo a poder sustentar este comércio e serviços.



Figura 2 - Melhoria das ciclovias em Lisboa

Equilibrar este conceito com a atual pressão turística é uma tarefa complicada. Comércio e habitação estão a perder terreno para alojamentos

turísticos. Segundo dados recentes, apenas nas ruas da Prata e do Ouro perderam-se 20 lojas para 5 hotéis, nos últimos anos. Relembrar que, como referido no artigo anterior sobre este assunto, a câmara de Paris comprou mais de 60 mil lojas a privados e pô-las a concurso, para determinados usos, a preços inferiores aos preços de mercado. A existência destas lojas é determinante para a “cidade de 15 minutos”.

Através do projeto “Há vida no meu bairro”, Lisboa está a tentar criar comércio e serviços de proximidade. Na realidade são 24 projetos-piloto, tantos quantas as freguesias de Lisboa, contando com a participação das respetivas Juntas de Freguesia, o envolvimento dos residentes através do Conselho de Cidadãos, para além dos comerciantes e outras entidades locais.

O objetivo é proporcionar uma melhor qualidade de vida aos moradores, reduzindo a dependência do carro (atualmente a principal fonte de poluição ambiental urbana), melhorando a mobilidade urbana, o contacto social e promovendo a sustentabilidade.

Segundo Manuel Banza, cientista de dados e cujos mapas interativos são de livre acesso na internet, Alvalade aparenta ser o bairro mais preparado para o conceito de “cidade de 15 minutos” com comércio, educação, saúde, transportes públicos, ciclovias segregadas, espaços de *cowork* e espaços verdes e zonas de lazer no interior da sua área. A freguesia de Arroios aparece em segundo lugar.

E Almada?

Embora também não seja oficialmente reconhecida como “cidade de 15 minutos”, Almada tem desenvolvido

iniciativas que estão alinhadas com os princípios deste conceito, como por exemplo:

1. Transporte público e ligação com Lisboa: os autocarros, barcos e comboios facilitam a mobilidade com Lisboa tornando acessíveis os serviços e oportunidades existentes nesta cidade.

2. Rede de ciclovias: continua em expansão no interior do concelho, permitindo viagens curtas e sustentáveis em segurança.

3. Promoção de espaços públicos: Almada tem promovido a criação e revitalização de espaços públicos, como parques, praças e áreas de lazer, onde os moradores podem disfrutar de atividades ao ar livre e interações sociais próximas das suas residências.

4. Eventos Comunitários e Culturais: a criação destes eventos e feiras cria a oportunidade para que os residentes participem em atividades locais sem a necessidade de deslocações mais longas.

5. Centros locais de comércio: o desenvolvimento de centros locais de comércio e serviços reduz a necessidade de deslocações mais longas.

6. Mobilidade sustentável: o incentivo ao uso de transportes públicos e a meios de transporte sustentáveis como carros elétricos e bicicletas, reduz a dependência de veículos movidos a combustíveis fósseis.

Argumentos contra

Em qualquer abordagem de planeamento urbano é fundamental avaliar cuidadosamente os benefícios e os desafios potenciais, levando em conta o

contexto específico de cada cidade. Assim, é importante considerar os argumentos contra para uma discussão equilibrada sobre a “cidade de 15 minutos”.

Estes argumentos são de natureza diversa. Desde a viabilidade económica, já que a sua implementação pode exigir grandes investimentos em infraestruturas e planeamento, restrições ao livre mercado com regulamentações e intervenções governamentais significativas para controlar o desenvolvimento urbano, possíveis efeitos negativos na diversidade social e cultural porque as pessoas terão menos oportunidades de interagir com diferentes grupos fora do seu bairro, ou até dificuldades de implementação em áreas urbanas já desenvolvidas e implementadas com base noutro conceito.

À boleia destes argumentos existem algumas teorias da conspiração que têm vindo a poluir o debate público alegando que este conceito pretende isolar bairros ou restringir o uso do automóvel.

O que este conceito pretende é tornar as cidades mais equilibradas e sustentáveis, promotoras de uma maior proximidade entre as atividades diárias dos moradores. Em conclusão, recuperar as cidades para as pessoas.



Nota: este artigo foi escrito com a colaboração do Chat GPT 4.0

Solidão

Solidão?
Qual solidão?

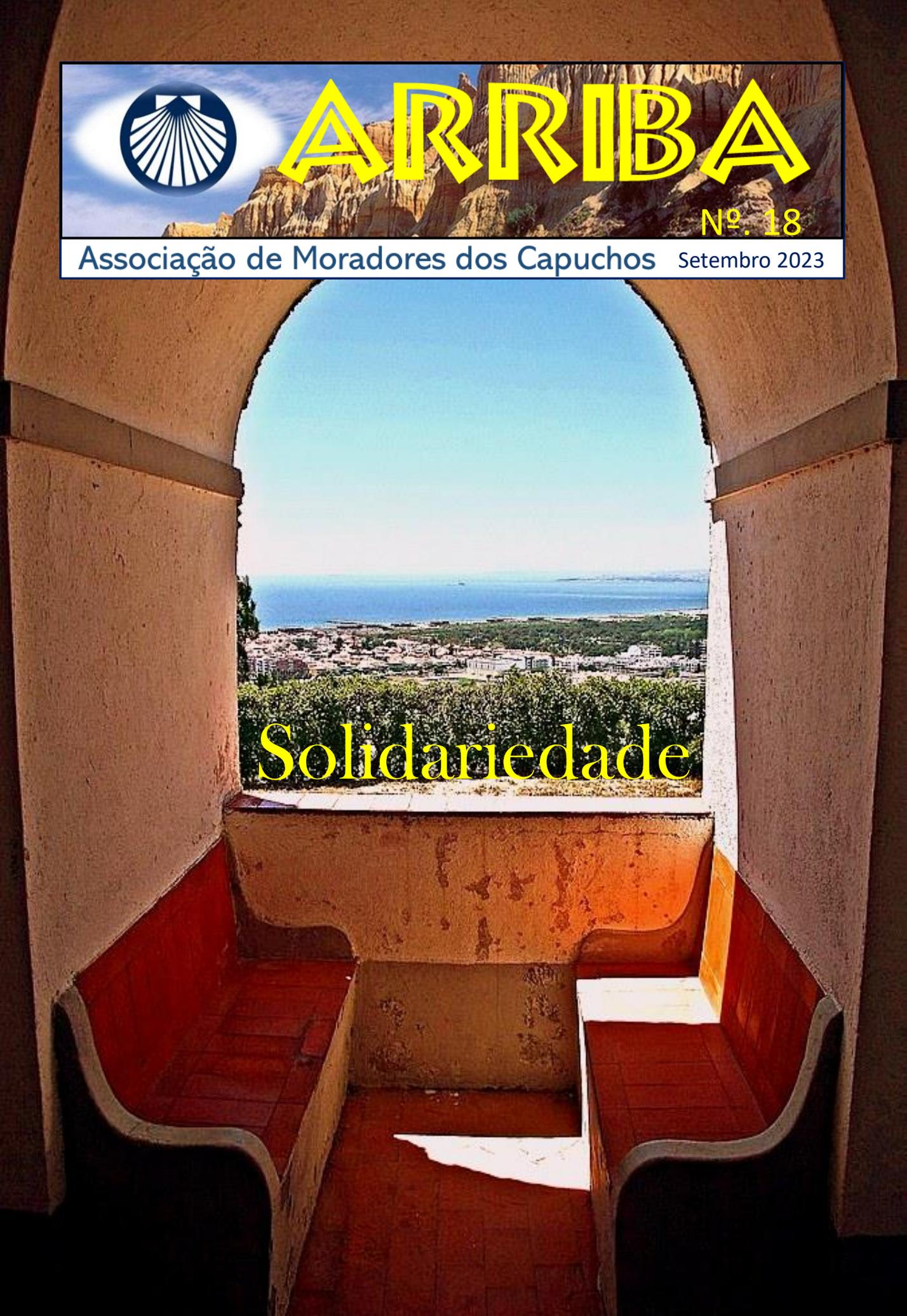




ARRIBA

Nº. 18

Associação de Moradores dos Capuchos Setembro 2023



Solidariedade